

Incentivos  
e EscolhasLuís Cabral  
lcabral@stern.nyu.edu

## FAMÍLIA E ECONOMIA

**A quebra da estrutura familiar tem sido um factor importante de desigualdade; mas há ainda muito para compreender qual dos sentidos da causalidade é mais importante: a desigualdade leva à queda da família ou vice-versa**

O aumento da desigualdade, nomeadamente a riqueza dos mais ricos de cada país, é uma realidade inegável e relativamente bem documentada. A explicação que vendeu mais exemplares vem da pena de um tal Piketty e baseia-se nas variáveis  $r$  e  $g$ . Não gastarei mais tempo com as equações do economista francês porque já o fiz e porque me parece ser uma teoria com pouco mérito.

O número de explicações alternativas é enorme: progresso tecnológico, globalização, poder de mercado, corrupção do sistema político, etc. Como é frequentemente o caso, cada explicação tem um fundo de verdade. Hoje gostaria de escrever sobre uma realidade nem sempre tratada no contexto da desigualdade: a família.

Os economistas de veia mais "tecnocrática" escrevem muito sobre números e pouco sobre pessoas (*mea culpa*); mas a economia é uma ciência social, o estudo de uma realidade que não se resume a cifras: há pessoas, há História e histórias, há instituições e organizações. A economia é constituída por pessoas que crescem em famílias. Não podemos compreender o desempenho da economia sem compreender o desempenho da família.

O problema é que o fenómeno social está repleto de correlações entre variáveis  $X$  e variáveis  $Y$ . É muito fácil deixar que os nossos preconceitos ofereçam uma explicação dos dados sem dar oportunidade a explicações alternativas. Isto é particularmente perigoso em casos como a família porque

**O debate é mais do que uma questão "académica". Dele dependem escolhas de política económica e social**

crença, opinião e factos não são fáceis de distinguir. Mesmo assim, tentarei.

Começemos pelos factos (principalmente baseados na realidade americana, mas também com alguma aplicação a Portugal): (a) nas últimas duas ou três décadas, o nível de desigualdade cresceu, especialmente a concentração da riqueza nas classes mais ricas; (b) a instituição da família tradicional, nomeadamente com pai, mãe e filhos nascidos do casamento, diminuiu consideravelmente.

Que dizer sobre os factos: (a) causa (b)? (b) causa (a)? Pura coincidência temporal? A resposta mais segura — e provavelmente mais correcta — é que se trata de um pouco de tudo; mas tentemos ir um pouco mais à frente, nomeadamente fazendo recurso do arsenal estatístico da economia.

D. Autor, D. Dorn e G. Hanson propõem um teste da teoria de que (a) causa (b): mostram que, nos períodos e nos sectores dos Estados Unidos em que a taxa de emprego dos homens diminui, o número de mães solteiras pobres aumenta (isto é, faltam homens "casáveis"). Por seu turno, E. Ananat e G. Michaels propõem um teste da teoria de que (b) causa (a): mostram que o efeito do divórcio na situação económica das mulheres é altamente variável: as mulheres com maior nível de educação e rendimento reagem relativamente bem, mas as mulheres com menor nível de educação e rendimento caem em situação de pobreza com enorme probabilidade.

Escolho estes entre os muitos estudos sobre a matéria porque me parecem particularmente credíveis de um ponto de vista estatístico. Concluímos assim que a causalidade se verifica em ambos os sentidos.

Alguns padrões adicionais nos dados: (a) a pobreza nos Estados Unidos está cada vez mais concentrada em mães solteiras (fala-se inclusivamente da "feminização" da pobreza); (b) para o mesmo nível de rendimento, a taxa de mobilidade social é muito inferior para uma criança nascida numa família incompleta (nomeadamente sem um pai).

Estes dados e vários estudos que tenho oportunidade de ler sugerem que a quebra da estrutura familiar tem sido um factor importante de desigualdade social; mas há ainda muito trabalho a fazer para compreender qual dos sentidos da causalidade é mais importante: a desigualdade leva à queda da família ou vice-versa.

O que certamente se pode dizer é que o debate é muito mais do que uma questão "académica", pois dele dependem escolhas de política económica e social. Por exemplo, é mais importante criar barreiras às importações da China (que alguns sectores geram desemprego entre homens jovens); ou mudar a legislação fiscal de forma a facilitar os agregados familiares?

Professor da Universidade de Nova Iorque e da Aese

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia